

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

PENELOPE
WARD

*Muito mais do que
mero trabalho...*

Uma
Tarefa
Difícil

TOP
SEL
LER

Aspyn

— O que se passa? — perguntei à minha supervisora, a Laura Rowlings, que acabara de me chamar ao seu gabinete.

— Lembras-te do fim de semana passado, quando o Louie Serrano desapareceu?

A minha função no Horizons, um lar de idosos, era como coordenadora de atividades. O Sr. Serrano era um dos residentes. Na semana anterior, o seu neto tinha recebido um puxão de orelhas por violar as regras da instituição.

— Lembro. Eu não estava a trabalhar nesse dia. Mas ouvi dizer que foi um circo. O neto levou-o à socapa, não foi?

— Isso. — A Laura anuiu. — Levou-o a dar uma volta, sem avisar para onde. Pensámos que o Louie se tinha perdido. Depois, apareceu com ele aqui, como se nada fosse. Ele conhecia as regras. Nem sequer fingiu que não sabia. E já foi a segunda vez que fez algo do género.

Pessoalmente, não entendia qual era o problema de alguém levar um familiar a dar um passeio, mas sabia que a instituição tinha uma regra rígida que obrigava a obter autorização prévia. Claro que o neto do Sr. Serrano devia ter pedido autorização, mas os responsáveis do lar estavam a tratar o caso como se ele tivesse ajudado o velhote a fugir da prisão. Na maioria das vezes, as pessoas que aqui vivem nem sequer recebem a visita de um familiar. Por isso, parecia estranho estarem a vilipendiar alguém por se preocupar com o seu ente querido. Para ser sincera, achei toda a situação amorosa.

— Essa situação tem alguma coisa que ver com o motivo pelo qual me chamaste aqui? — perguntei.

A Laura suspirou.

— Tem. Aparentemente, este neto mudou-se de Seattle para Meadowbrook para tomar conta do avô, na ausência do pai. O pai do rapaz, o filho do Sr. Serrano, vai viajar pela Europa durante uns meses. O rapaz insiste que o avô precisa de sair com mais regularidade. Agora tem autorização da Nancy para o levar a sair duas vezes por semana em horários designados, sem ter de pedir autorização prévia, desde que o traga de volta até uma determinada hora.

— Pela maneira como ela se estava a passar com o que ele fez... — Abanei a cabeça. — Estou surpreendida por a Nancy ter acedido ao pedido.

— Bem, ela estava furiosa até ele aparecer no dia seguinte e pedir desculpa formalmente. O tipo é um bonitão, e bastante persistente... Convencido, mas charmoso. Vi-o quando entrou para falar com ela. Acho que a Nancy ficou um bocado caidinha por ele.

Revirei os olhos.

— OK.

— Mas como não se pode confiar que ele vá seguir as regras, dado o seu comportamento passado, a Nancy disse que só permitiria os passeios regulares se enviássemos um acompanhante do lar para se certificar de que o Sr. Serrano voltava em segurança e a horas.

De repente, caiu-me a ficha.

— Deixa-me adivinhar... sou eu que vou ter de tomar conta do tontinho do neto?

— Não há mais ninguém que possamos dispensar. És a única funcionária não essencial. Vais com eles e ficas na retaguarda.

— Quando é que isto começa?

— Hoje, às duas da tarde.

O quê? Olhei para a hora no meu telemóvel.

— Que grande aviso! É já daqui a dez minutos.

— Eu sei. Desculpa. Ela esqueceu-se e só me avisou há pouco. Já cancelei a sessão de karaoke que ias dinamizar na sala de jantar às três.

Olhei para a minha roupa. Embora não fosse da equipa médica, o centro queria que eu usasse o mesmo tipo de farda que as enfermeiras usavam. Os uniformes não eram a roupa habitual de uma diretora de atividades, mas eu gostava de não ter de escolher o que vestir para o trabalho — era um pouco como os uniformes da escola antigamente, só que muito mais confortáveis. No entanto, também significava que hoje ia andar pela cidade com um uniforme com um padrão do Pateta, da Disney.

O único consolo no meio de tudo isto era o Sr. Serrano ser um dos meus preferidos. Era incrivelmente simpático e tinha um sentido de humor rápido e perspicaz. Não me importava de passar tempo com ele.

Corri para a casa de banho e penteei o meu cabelo castanho-claro liso. Não o cortava há mais de dois anos, por isso, ficava-me um pouco acima do rabo.

Depois de me arranjar, atravessei o corredor. Não fazia ideia de aonde íamos, e estava um pouco receosa de conhecer o neto que supostamente tinha encantado a nossa diretora, que é dura de roer.

Quando entrei no quarto do Sr. Serrano, às catorze horas em ponto, fiquei surpreendida ao encontrá-lo sozinho.

— Olá, Sr. Serrano.

Ele estava sentado na sua cadeira de rodas, pronto para sair.

— Ouvi dizer que vais ser a minha acompanhante hoje, Aspyn. Ri-me.

— Bem, acho que, tecnicamente, é o seu neto quem eu vou acompanhar.

— Ele é um bom miúdo. Bem, já não é um miúdo. Tem 29 anos e é um profissional. Ganha mais dinheiro do que eu alguma vez ganhei. Mas ainda o vejo como um rapazinho. É um bom rapaz. E se parece que estou a tentar convencer-te, é porque estou. — Ele piscou o olho. — Enfim... — continuou o Sr. Serrano, depois de eu não ter respondido. — Ele não fez por mal, quando me tirou daqui às escondidas.

— Eu sei, mas a nossa função é mantê-lo seguro, por isso precisamos de saber onde está a toda a hora. — Abri as persianas para

deixar entrar mais sol no quarto. — E, ao que parece, isso já aconteceu mais do que uma vez...

— Pois. Da primeira, eu queria ver os Mets. Este sítio tem um serviço de televisão por cabo muito fraco, por isso não podia ver o jogo aqui. Da segunda, estava com desejos de um gelado do McDonald's. Se ele mo fosse buscar, chegaria aqui quase derretido.

Não pude deixar de sorrir.

— Bem, eles não querem que haja uma terceira vez. Por isso agora tem de me aturar.

— Há pessoas piores para se ter como companhia. — Ele sorriu.

É um namoradoiro.

De repente, uma voz grave assustou-me.

— É o Pateta quem se vai juntar a nós?

Virei-me e dei de caras com um homem muito alto e bonito, com uma bela cabeleira castanha, a examinar-me. Naquele momento, só desejava ter vestido tudo menos o uniforme do Pateta.

— Aspyn, este é o meu neto, o Troy.

Troy.

Semicerrei os olhos. *Aqueles olhos.* Não era a primeira vez que nos víamos.

Não.

É ele.

Isto é um pesadelo.

O Troy Serrano.

Meu Deus.

O Troy.

Serrano.

Não sei como, mas nunca tinha ligado o apelido do Sr. Serrano àquele tipo do liceu. Já se tinham passado onze anos, e era por isso que não o tinha reconhecido de imediato. O cabelo dele estava um pouco mais comprido. Mas o Troy Serrano não só era um dos rapazes mais populares do liceu de Meadowbrook, como também era o ex-namorado da minha melhor amiga do último ano, e tinha-a traído. Digamos que... eu me passei completamente com ele. E depois disso, ficámos inimigos.

Isto *não* era bom.

Ele fitou-me de cima a baixo.

— Aspyn Dumont. Quase não te reconheci.

O Sr. Serrano olhou para nós os dois.

— Conheces a encantadora Aspyn?

O Troy semicerrou os olhos.

— Encantadora? Não é bem assim que me lembro dela.

O Sr. Serrano sorriu, parecendo divertido.

— Como é que vocês se conhecem?

Pigarrei.

— Andámos juntos no liceu.

— Estás a brincar! — O Sr. Serrano bateu com a mão no braço da cadeira de rodas.

Quem me dera estar. E quem me dera estar noutra lugar. *Bem longe* daqui.

O Troy esboçou um sorriso presunçoso.

— Pois é. Conhecemo-nos há imenso tempo. Mas não nos dávamos propriamente bem. — Os olhos dele encontraram os meus. — Não é verdade, Aspyn?

Sem sequer saber a extensão do meu mau comportamento, o pobre avô dele tentou defender-me.

— Como é que isso é possível? A Aspyn é uma querida.

— Uma querida que me riscou o carro com uma chave e que pôs laxantes nos donútes da minha equipa — zombou o Troy.

— Não foi nos donútes de *toda* a equipa — esclareci. — Só no de creme que sabíamos que tu ias comer.

Ele lançou-me um olhar furioso.

— Ah, certo. Desculpa lá. Só tentaste matar-me a *mim*.

A vergonha apoderou-se de mim. Quem me dera poder afundar-me no chão e desaparecer. Pigarreei.

— Foi uma coisa muito imatura de se fazer. E não me orgulho disso. Mas na altura achei que o merecias, por teres magoado a minha amiga. — Dei um longo suspiro. — De qualquer forma, já passou mais de uma década. Não vale a pena ficarmos a remoer

numa coisa que aconteceu há uma eternidade, quando éramos praticamente miúdos.

— O que é que ele fez para merecer isso? — perguntou o Sr. Serrano.

— Traí a minha namorada do liceu — respondeu o Troy.

— Bem, então ela tem razão. *Mereceste* mesmo.

Adoro-o, Sr. Serrano. O meu estômago revirou-se.

— Como eu disse, são águas passadas. Eu até pedia à gerência para atribuir outra pessoa para acompanhar os vossos passeios, mas não temos pessoal alternativo.

— Vamos em carros separados? — perguntou o Troy.

— Não, disseram-me para ir convosco.

— Não confiam em mim?

Ergui a sobrancelha.

— Deviam?

— Não tens chaves contigo, pois não? Se tiveres, não te deixo chegar perto do meu carro.

Revirei os olhos.

— OK, eu mereci essa. E as minhas chaves ficam para trás.

— Acho que podes vir, então. — Ele sorriu.

O Troy guiou a cadeira de rodas do Sr. Serrano para fora do quarto. Eu segui-o para começar o que seriam, sem dúvida, as duas horas mais longas da minha vida.

Concentrei-me nos ombros largos do Troy. Ele sempre tinha sido atraente, com um corpo incrível apesar da sua personalidade horrível. Mas agora era o rapaz de quem me lembrava, só que mais bonito, um homem feito. Já estava a imaginar os danos que tinha causado a pobres mulheres incautas na última década.

Caminhámos pelo estacionamento sob o sol quase ofuscante de agosto. O Troy conduzia um *Range Rover* preto. Estava claramente bem na vida. Isso não me surpreendia. Homens com a confiança arrogante que ele sempre exibia, costumavam ser bem-sucedidos — provavelmente porque passavam por cima das outras pessoas para o conseguir.

Ajudei o Sr. Serrano a sentar-se no lugar do passageiro, antes de o Troy dobrar a cadeira de rodas e a colocar na mala do carro. Depois, sentei-me no banco de trás, enquanto o Troy se sentava ao volante.

O carro tresandava ao seu perfume. Era sufocante, tal como ele. Os seus olhos impressionantes, de um tom verde-azulado, fixaram-se nos meus por momentos, através do espelho retrovisor. Desviei o olhar de imediato.

O Troy virou-se para o avô.

— Onde queres ir, *nonno*?

Nonno. Italiano para avô.

— Ao McDonald's.

— Posso levar-te a qualquer sítio, e tu escolhes sempre o mesmo. Vamos fazer outra coisa.

— Gosto dos gelados de lá. E pronto! Além disso, era onde eu e a tua avó costumávamos ir aos domingos, depois da igreja. Faz-me lembrar dela.

Quem pode discutir com isso?

O Troy suspirou.

— Pronto, velhote. Como quiseres. — Ele virou para a estrada em direção à praça onde ficava o McDonald's.

Um silêncio constrangedor instalou-se antes de o Troy ligar a música. Os acordes de «Come Fly with Me» do Frank Sinatra soaram no espaço.

— Bem, pelo menos tens bom gosto musical — disse eu.

— O Sinatra é fixe... — Apontou o polegar para o avô. — Ponho-o a tocar para este senhor.

Eu sorri, inclinando-me para a frente.

— Gosta do Sinatra, Sr. Serrano?

— O que é que há para não gostar? Ele era o melhor. Não há ninguém que supere o «Old Blue Eyes».

— Concorde. Já não os fazem assim.

— Queres um fresquinho, Aspyñ? — gritou-me o Sr. Serrano quando parámos no *drive-thru*.

Fresquinho? Tive de pensar por um segundo. Devia estar a referir-se a um gelado.

— Não, obrigada.

— Ela já é suficientemente fresquinha — gracejou o Troy, lançando-me um sorriso maroto através do espelho retrovisor.

Maldito sorriso. Por mais malvado que eu sempre o tivesse achado, ele era irritantemente atraente, e agora ainda mais do que no liceu.

O Troy pediu um gelado para o avô e uma dose grande de batatas fritas para ele. Claro, podia comer o que lhe apetecesse e continuar com aquele aspeto.

— Tens a certeza de que não queres nada? — perguntou o Troy.
— Eu ofereço.

Estava com uma dor de cabeça fortíssima há cerca de quinze minutos, mais coisa, menos coisa. Um pouco de café vinha mesmo a calhar. Decidi aproveitar a oferta dele.

— Na verdade, vou querer um café simples, mas posso pagar.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Natas ou açúcar?

— Não.

— Faz sentido.

Os meus olhos estreitaram-se quando o Troy pediu um café para mim.

— O que é que querias dizer com «faz sentido»? — perguntei, enquanto ele dava a volta com o carro.

— Pareces o tipo de pessoa que gosta de café simples.

— Como assim? — perguntei, depois de ele parar em frente à janela de pagamento.

— Sabes... simples, amarga. Mas já passou muito tempo desde o liceu, por isso talvez tenhas mudado. Se me quiseres provar o contrário, estou disponível.

— Tu não sabes nada sobre mim... Não sabias naquela altura nem sabes agora — afirmei, com a raiva a aquecer-me o rosto.

— Estás a julgar-me por coisas que fiz para defender a minha amiga. Coisas que fiz por causa das *tuas* ações.

Espetei-lhe três dólares na cara, mas ele não quis aceitá-los. Pousou a mão na minha por instantes e empurrou-a de volta.

— Guarda o teu dinheiro. Estás aqui por minha causa. Não devias ter de pagar nada.

Cruzei os braços e bufei no banco de trás, enquanto o Troy pagava ao caixa.

Parou na janela de recolha e, uns segundos depois, entregou um cone de gelado ao avô. Pousou as batatas fritas no colo e agarrou no meu café, que o empregado lhe entregou. Depois, virou-se e passou-mo.

— A sério que ainda estás chateada por causa de uma coisa que eu fiz no liceu? — perguntou. — Estamos a chegar aos 30. Há coisas piores com que nos preocuparmos no mundo, sabes?

Encolhi os ombros.

— Tu é que estás a ser desagradável *comigo* e a chamar-me simples e amarga. Parece que és tu quem precisa de esquecer isso.

— Bem, se calhar estava na defensiva porque tens olhado para mim como se quisesses matar-me desde o momento em que me reconheceste.

— Desculpa. Não fazia ideia de que era assim tão óbvio.

Ele mostrou os seus dentes brancos e brilhantes.

— Então, afinal, queres *mesmo* matar-me...

— Não. Não foi isso que quis dizer. Eu só... — Suspirei e parei de falar.

Ele estacionou o carro e meteu-o em ponto-morto. Depois, levou uma batata frita à boca antes de se virar para mim e estender a mão.

— Vamos fazer uma trégua, está bem? Já que temos de passar quatro horas por semana juntos.

Meu Deus. Parecia muito tempo para ter de lidar com ele. Mas de certeza que eu conseguia *fingir* ser cordial pelo bem do meu querido cliente. Faria isso pelo Sr. Serrano.

Peguei por fim na mão do Troy e apertei-a.

— Está bem.

O meu corpo traidor gostou do toque quente da pele dele, e isso deixou-me desiludida comigo mesma. Provou o quanto a atração física podia ser instintiva. O sex appeal do Troy Serrano nunca

tinha estado em causa. Nem naquela altura, nem agora. Era a sua alma que era questionável.

Tinha vergonha de admitir que, antes de a Jasmine começar a namorar com ele, eu na verdade tinha uma grande paixoneta pelo Troy. Ele era o típico jogador de futebol americano popular. E eu era exatamente o tipo de rapariga invisível para rapazes como ele. Andava com a cabeça enterrada nos livros, não a lamber as botas dos atletas. Nunca usava maquilhagem nem me exibia em roupas minúsculas, como a Jasmine e muitas das outras raparigas. Mas tinha olhos, e era humana. Quando a Jasmine descrevia como era estar com ele, lembro-me da pontada que sentia ao questionar-me como seria. Depois ele magoou-a e tornou-se o Inimigo Número Um para mim.

Alguns minutos depois, o Troy voltou a ligar o carro e a conduzir pela estrada enquanto o Frank Sinatra continuava a cantar. A música suave contrastava com os meus nervos à flor da pele. A canção seguinte era a «Under My Skin», o que achei terrivelmente irónico, visto que hoje o Troy tinha definitivamente conseguido irritar-me até aos ossos.

Conseguia ver o rosto do Sr. Serrano através do espelho retrovisor. Parecia muito satisfeito a comer o seu gelado e a ouvir as suas canções favoritas. Se ao menos a vida fosse assim tão simples para todos nós.

— Onde é que vamos agora? — perguntei.

— Ao centro comercial — respondeu o Troy.

— O que é que há lá?

— Lojas — respondeu num tom seco.

— Eu sei. — Rangi os dentes. — Mas vamos a algum sítio específico?

— O *nonno* gosta de ver as montras — disse ele, a observar-me pelo espelho. — Que cara é essa? Têm uma loja da Disney. Posso deixar-te lá se quiseres, Pateta.

— E a tua trégua durou o quê? Três minutos? — Soprei o meu café.

— Ainda está de pé. Só gosto de te picar. Quer dizer, vá lá, estás a usar um uniforme do Pateta. É como pedir para seres gozada.

Revirei os olhos, apesar de saber que ele tinha razão.

Quando chegámos ao Centro Comercial Meadowbrook, o Troy estacionou e tirou a cadeira de rodas do Sr. Serrano da mala do carro. Assim que o Sr. Serrano estava instalado, dirigimo-nos do parque de estacionamento para a entrada principal, que era mesmo ao lado da praça de alimentação.

Lá dentro, o Sr. Serrano decidiu que queria pequenos pretzels de canela, por isso fomos até ao quiosque da Auntie Anne's e esperámos na fila.

Os meus olhos pousaram no relógio de aspeto caro do Troy, e depois subiram para o seu antebraço musculado e as veias que o percorriam. Uma lufada do cheiro dele dominou momentaneamente o cheiro da canela.

— Queres? — perguntou o Troy.

— Hã?

Querer?

Ah.

Os pretzels. Certo.

— Não. — Abanei a cabeça. — Não como açúcar.

Ele arregalou os olhos.

— Não comes açúcar, de todo? Qual é a tua razão de viver, então?

— Quatro da tarde — respondi.

Ele sorriu.

— Ah! Demorei um segundo a perceber. Quatro da tarde. A hora a partir da qual já não tens de me honrar com a tua presença.

— Acertaste.

Vários segundos se passaram.

— Como é que acabaste a trabalhar no Horizons?

A resposta honesta não era algo que fosse discutir com ele. Este emprego nunca tinha sido o meu sonho, de modo algum. Todavia, considerava-me uma sortuda por o ter depois de vários anos a sentir-me perdida em relação ao meu percurso profissional. Trabalhar no Horizons foi a carreira com a qual me conformei depois de muitas oportunidades perdidas.

— Foi uma coisa que... aconteceu — respondi.

— O que é que fazes lá, exatamente, além de tomares conta de homens que odeias nas idas ao centro comercial?

— Sou coordenadora de atividades.

— O que é que isso implica?

— Marcar excursões, arranjar o transporte e liderar atividades internas, entre outras coisas.

— Parece ser divertido.

— Acabei por gostar. — Encolhi os ombros. — Enfim, tu... parece estar bem na vida. O que é que fazes?

— Sou consultor financeiro. Crio planos financeiros personalizados, faço transações no mercado e elaboro estratégias fiscais, esse tipo de coisas. A minha empresa é em Seattle, onde vivo, mas posso trabalhar a partir de qualquer sítio, e é por isso que consigo estar aqui temporariamente. Começaram a fazer a transição para o trabalho maioritariamente remoto há uns dois anos.

— Quando é que voltaste para Meadowbrook?

— Só estou cá há um mês. Não foi bem escolha minha. Mas alguém tinha de ficar de olho no meu avô. O meu pai reformou-se mais cedo dos bombeiros e planeou uma viagem à Europa com a namorada. Precisava de paz de espírito enquanto estivesse fora. Sentia-se culpado por deixar o *nonno*, por isso, eu disse-lhe que me mudava para cá por uns tempos e aguentava as pontas para que ele não tivesse de se preocupar.

— Bem, isso é... louvável.

Ele sorriu.

— Custou-te dizer isso, não custou?

— Um pouco. Como é que sabes?

— Tinhas cara de quem estava com prisão de ventre quando as palavras saíram. O teu desdém por mim não tira folga, mesmo quando estás a elogiar-me.

— Lamento se não consigo esconder a minha reação a ti. Quando alguém magoa os meus amigos, magoa-me a mim.

— Está bem, mas vingaste-te, não foi? Toda aquela merda que me fizeste? Riscar o meu carro com a chave?

— Não há comparação entre magoar uma pessoa e magoar um carro.

— Não te esqueças dos dónutes. Podias *facilmente* ter-me matado de caganeira.

Esforcei-me para não me rir.

— O que é que queres que eu faça? Olha, disse-te que não me orgulhava das minhas ações na altura. Foram extremamente imaturas. Combinámos uma trégua, mas isso não quer dizer que eu possa simplesmente esquecer-me do ressentimento do passado. Isso vai demorar... mais do que a meia hora que passámos juntos. Sim, foi há uma eternidade, mas de alguma forma parece que foi ontem.

— Parece que foi ontem porque tu estás presa numa distorção temporal.

Cruzei os braços.

— Do que é que estás a falar?

— Aposto que nunca saíste de Meadowbrook, pois não?

— Porque é que presumiste isso?

— Um palpite?

— O que é que ficar em Meadowbrook tem que ver com isto?

— Este sítio não mudou nem um bocadinho. Olha para este centro comercial. Está tudo na mesma. Já devias ter ido embora, conhecido um pouco do mundo. Talvez não fosses assim tão sensível com as merdas que aconteceram no liceu se tivesses vivido fora desta bolha.

Sentindo o sangue a começar a ferver, entrei imediatamente na defensiva.

— Não há nada de errado com Meadowbrook. E nem toda a gente se pode dar ao luxo de simplesmente pegar nas coisas e bazar.

Claro que, se calhar, eu queria explorar outros sítios, mas este idiota não sabia nada sobre a minha vida nem sobre as circunstâncias por trás das minhas decisões.

Ele perscrutou-me os olhos, parecendo ter lido por entre as minhas palavras.

— Porque é que não podias ir embora?

— Tenho as minhas razões. Não vou entrar em pormenores contigo agora, numa fila para comprar pretzels.

— Porque não?

— Não é o sítio apropriado.

— Diz quem? A Auntie Anne?

— Cala-te. — Ri-me.

— Tem cuidado com o que dizes, Pateta. — Ele piscou o olho.

— O Rato Mickey pode ouvir-te.

O Sr. Serrano interveio.

— Meu Deus, vocês os dois não param?

Voltámo-nos para ele em uníssonos.

Felizmente, era a nossa vez na fila, o que me deu uma pausa de ter de falar com o Troy. O Sr. Serrano ficou radiante de felicidade assim que recebeu o seu saquinho de docinhos de canela. Embora tivesse deixado de comer açúcar, continuava a adorar o aroma doce de tudo o que era acabado de fazer. O meu estômago roncou... um pouco alto demais.

Claro que o Troy não perdeu a oportunidade.

— O teu estômago está a implorar-te por misericórdia, Dumont — disse ele.

— Não está não. Estava só a reclamar por ter de passar tempo contigo.

— Boa — disse ele enquanto mastigava.

Ficámos ali um bocado, mesmo ao lado do quiosque, enquanto o Sr. Serrano desfrutava da sua guloseima.

Depois, o Troy interrompeu o meu sossego.

— Como é que está a Jasmine? Vi que ela tem um bebé.

Fiquei surpreendida por ele saber isso.

— Sim. Uma menina que tem agora 18 meses. Como é que soubeste?

— Ela adicionou-me no Facebook.

— A Jasmine adicionou-te?

— Sim — respondeu ele, com a boca cheia.

— Quando?

— Há cerca de um ano, talvez?

— Hum — murmurei, achando aquilo um bocado estranho.

— Até a Jasmine consegue perdoar-me — disse ele. — Mas tu não pareces conseguir deixar a merda para trás.

O facto de a Jasmine ter iniciado o contacto com ele deixou-me perplexa. Ela estava casada com um rapaz que tinha conhecido na faculdade. Tinham-se mudado para uma cidade da Pensilvânia que ficava a apenas uma hora de carro de onde estávamos em Nova Jérsia. Achei peculiar que ela tivesse adicionado o Troy do nada, depois de ter falado tão mal dele. A Jasmine andava obcecada com ele enquanto namoravam. A única coisa de que falava era de como ele era bom na cama e de como a pila dele era grande. Tinha sido a melhor coisa do mundo até ela o ter apanhado com a boca na botija no cinema, com outra rapariga da claue.

— Vocês ainda são unha com carne? — perguntou ele.

— Não nos vemos assim tantas vezes desde que ela casou e teve um bebé. Mas visito-a de vez em quando. Ela agora vive em New Hope.

— Fixe.

— Sim. É um bom sítio para assentar.

— A palavra «assentar» é tão deprimente. — Ele riu-se.

— Isso não me surpreende, vindo de ti.

— Quando eu penso em assentar, penso no meu caixão a «assentar» na terra.

— Suponho que não tenhas planos para assentar na vida, então.

— Não tão cedo.

— Imaginei.

— Talvez um dia, no entanto. — O Troy suspirou, limpando a canela do canto da boca. — Olha, eu fui um cabrão por ter traído a Jasmine. Mas, porra, eu mal tinha 18 anos. Não sabia onde tinha a cabeça, muito menos sabia ser um namorado. Percebo que isso te tenha chateado, mas magoar mulheres não é algo que tenha por hábito fazer atualmente.

— Como é que tu consegues evitar isso, exatamente? — perguntei, com genuína curiosidade. Custava-me a acreditar que ele tivesse mudado assim tanto, tendo em conta a sua aparência e atitude.

— Não iludo ninguém. Não é traição estar com mais do que uma pessoa se nunca te comprometeres com ninguém.

— Ah! — Cruzei os braços. — Tens fobia a compromissos.

Ele baixou o olhar para a minha mão.

— Não vejo nenhum anel no teu dedo.

— Não estou com ninguém neste momento, mas não tenho medo de compromissos. Anseio encontrar a minha alma gémea quando for a altura certa.

— Deus o livre de te chatear — soltou o Troy. Depois, os seus olhos arregalaram-se. — Onde raio é que está o meu avô?!

A minha cabeça virou-se bruscamente para onde o Sr. Serrano tinha estado sentado. Tinha desaparecido.

O meu coração acelerou.

— Mas que raio?!

— Tinhas uma função, Pateta. Não tens jeito nenhum para acompanhante.

Ignorando o seu comentário estúpido, olhei em volta.

— Ele já alguma vez se afastou de ti?

O Troy abanou a cabeça.

— Não.

O meu coração começou a bater mais depressa.

— Ficamos aqui à espera de que ele volte ou vamos procurá-lo?

A minha falta de experiência a tomar conta de pessoas tornou-se bem evidente.

O Troy suspirou.

— Fica por aqui. Eu vou dar uma volta.

Alguns minutos depois, o Sr. Serrano ainda não tinha aparecido.

O Troy veio ter comigo e estendeu a mão.

— Dá-me o teu telemóvel.

— Porquê?

— Vou dar-te o meu número para nos mantermos informados. Eu fico com este lado do centro comercial — apontou. — Tu vais na outra direção.

Entreguei-lhe o telemóvel e ele gravou o seu número nos meus contactos antes de nos separarmos.

Enquanto marchava pelo centro comercial, sentia-me muito desiludida comigo mesma. Como é que tinha conseguido perder o pobre do Sr. Serrano no primeiro dia desta tarefa? O palerma do Troy tinha-me distraído. Mas, no fundo, a culpa era minha. Eu é que devia ser a responsável. Era exatamente por isso que estava ali.

Cerca de cinco minutos depois, o meu telemóvel tocou. Era uma mensagem do Troy.

Troy: Alguma coisa?

Respondi-lhe.

Aspyn: Não.

Troy: Merda.

Aspyn: Onde raio é que ele se meteu?

Troy: Sei lá. Tentei a tabacaria, mas nada.

Aspyn: Tabacaria? Ele fuma?

Troy: Gosta de um bom charuto.

Aspyn: Que nojo.

Troy: Não se for o certo. Nunca provaste um charuto?

Aspyn: Podes parar de me enviar mensagens e procurar o teu avô, por favor?

Troy: Estou a ditar. Continuo a procurar enquanto falo.

Aspyn: Mais algum sítio onde ele goste de ir?

Os pontos no ecrã apareceram.

Troy: À Victoria's Secret.

Aspyn: Deixa-te de merdas.

Troy: LOL. Estou a falar a sério. Lembrei-me agora. Ele pode ter ido lá.

Aspyn: Por que raio haveria ele de estar numa loja de lingerie?

Troy: A minha avó costumava usar um spray corporal de lá.

Oh. O meu coração apertou-se.

Aspyn: Ele ainda o compra?

Troy: Borrifa-o nos lençóis.

Aspyn: Oh, meu Deus. Deve ser o aroma frutado que sinto sempre no quarto dele.

Troy: Sim.

Parei no mapa do centro comercial para ver onde ficava a Victoria's Secret.

Aspyn: Fica no meu lado do centro comercial. Estou a ir para lá agora.

Troy: OK. Eu continuo a procurar deste lado.

Assim que entrei na loja, esbarrei sem querer numa pilha de cuecas coloridas em saldo, fazendo-as cair ao chão. Peguei nelas e atirei-as para cima da mesa num monte desarrumado antes de correr para a caixa.

— Com licença. Pode dizer-me se um senhor idoso, numa cadeira de rodas, esteve aqui? — perguntei à funcionária.

Para minha surpresa, ela anuiu.

— Sim, esteve. Saiu há cerca de um minuto. Comprou um frasco de spray corporal *Love Spell*.

— Por acaso viu em que direção ele foi?

— Não, lamento. Não estava a prestar atenção.

Raios.

Enviei uma mensagem ao Troy enquanto saía da loja.

Aspyn: Disseram que o teu avô esteve aqui a comprar o spray! Saiu mesmo antes de eu chegar. Continuo à procura.

Troy: Saíste com alguma roupa interior nova?

Aspyn: Muito engraçado.

Troy: Porque tens ar de quem anda com cuecas muito apertadas. Devias comprar umas novas.

Aspyn: Não me envies mais mensagens até encontrares o teu avô.

Praguejando para mim mesma, enfiei o telemóvel na mala.

Depois de deambular pelo meu lado do centro comercial durante mais vinte minutos, não encontrei o Sr. Serrano.

De repente, reparei que o Troy vinha na minha direção. Com um ar de frustração, ele levantou as mãos em sinal de derrota.

Parou quando chegou a mim e passou a mão pelo cabelo.

— Preciso de lhe arranjar o raio de um telemóvel.

— Ele não tem um?

— Tem um telemóvel antigo de abrir e fechar, mas nunca anda com ele.

— Nós vamos encontrá-lo. — Suspirei, reparando numa genuína preocupação nos olhos dele.

A culpa é toda minha.

Engoli em seco.

— Quer dizer, ele tem de estar aqui dentro, não é? Não se teria ido embora. — Depois, uma lâmpada acendeu-se na minha cabeça. — Vamos pedir à segurança do centro comercial para o chamarem pelos altifalantes.

Ele estalou os dedos.

— É uma boa ideia. Por que raio é que eu não pensei nisso?

— Porque não és muito esperto?

Ele fitou-me, furioso, e partimos juntos à procura de ajuda. Mas antes de termos oportunidade de encontrar alguém, o Troy deu-me um toque no braço e parou de andar. Apontou para uma florista. Através do vidro, vi o Sr. Serrano a cheirar um grande ramo de flores que o funcionário lhe tinha acabado de entregar.

O Troy correu pelas portas enquanto eu o seguia.

— Por que raio é que te afastaste? — gritou. — Estávamos mortos de preocupação.

O Sr. Serrano nem sequer se mexeu, enquanto continuava a cheirar as rosas amarelas.

— Achei melhor deixar-vos a discutir.

O Troy cerrou o maxilar.

— Podias ter-nos dito que te vinhas embora.

— O facto de eu ter saído ajudou-vos a pararem de se picar um ao outro?

O Troy suspirou.

— Bem, sim, mas...

— Então, missão cumprida.

— Sr. Serrano, quase nos deu um ataque cardíaco no processo.

— Quão longe é que acham que eu poderia ter ido nesta cadeira?

— Qualquer coisa pode acontecer num sítio como este — disse eu. — O senhor podia ter sido roubado ou terem-se aproveitado de si com muita facilidade.

A expressão dele suavizou.

— Lamento ter-te chateado, linda menina.

— Então, porque é que estás a comprar flores? — perguntou o Troy.

— Estas eram as preferidas da tua avó, rosas amarelas. Mas não são para mim. São para ti.

Os olhos do Troy estreitaram-se.

— Para *mim*?

— Sim. Para dares à Aspyn e pedires desculpa por teres sido um tontinho.

Levantei a mão.

— Não é mesmo preciso.

— Claro que é — insistiu o Sr. Serrano, antes de entregar o ramo de flores ao neto.

O Troy pegou relutantemente nas rosas antes de mas oferecer.

— Pateta, aceitas estas rosas? — Ele esboçou um sorriso maroto enquanto pestanejava, com umas pestanas insanamente longas para um homem.

— Apesar de ter vontade de tas atirar de volta, aceito-as em nome do teu doce avô que tinha boas intenções. — Peguei nelas e virei-me para o idoso. — Obrigada, Sr. Serrano.

Sáímos os três da florista e pensei que íamos sair do centro comercial, mas o Troy parou em frente à loja de colchões.

— Ei, podemos entrar aqui um segundo? — E entrou sem esperar por uma resposta.

— Não tenho pressa nenhuma em voltar — respondeu o Sr. Serrano enquanto o seguíamos.

O Troy começou a andar pela loja, a apertar vários colchões.

— Precisas mesmo de comprar um colchão hoje? — perguntei.

— Na verdade, preciso, porque tenho dormido muito mal — disse ele, enquanto saltava em cima de um deles. — A cama que o meu pai pôs no quarto onde durmo na casa dele é dura como uma pedra. Tenho a certeza de que é o velho colchão dele. Quero comprar um bom, de espuma de memória.

— Espuma de memória! — gritou o Sr. Serrano. — Eu bem que precisava de um pouco disso. Isso ajuda a lembrarmo-nos das merdas?

Ri-me e sentei-me na cama em frente ao Troy. Ele deitou-se de costas e esticou os braços.

— Ahhh, esta é boa. Tão confortável, caramba.

A t-shirt dele subiu um pouco, e eu fingi não reparar naquele vislumbre dos seus abdominais.

Levantei-me e sentei-me na beira da cama de que ele estava a falar tão bem. Era demasiado firme para o meu gosto.

— Esta não é nada em comparação com aquela onde eu estava sentada.

O Troy levantou-se da cama e foi para a outra.

— Ah, nem pensar. A outra é melhor — disse, depois de saltar algumas vezes.

— Discordo.

Uma vendedora aproximou-se.

— Sabe que não vai ganhar esta discussão, não sabe? A mulher tem sempre a última palavra — disse-lhe ela.

O Troy bufou.

— A Pateta? Ela não é minha mulher. É só uma rapariga que tentou envenenar-me no liceu.

— Ah! Lamento. Posso ajudá-lo com alguma coisa?

— Eu depois digo-lhe.

— Ele não gosta de compromissos. Não perca o seu tempo — aconselhei.

Obviamente, quinze minutos depois, o Troy saiu sem encomendar um colchão.

O resto da minha tarde com os homens da família Serrano foi bastante calmo. Antes de sairmos do centro comercial, acompanhámos o Sr. Serrano à tabacaria, onde comprou um charuto que o Troy prometeu deixá-lo fumar quando tivesse mais tempo na próxima saída, visto que o Horizons não permitia que se fumasse nas suas instalações.

Quando passámos pela loja da Disney à saída, o Troy, claro, decidiu meter-se comigo, sugerindo que eu entrasse e comprasse algo por conta dele, como um Pateta de peluche. Ignorei-o, apesar de estar tentada a aceitar a oferta dele e comprar algo para a minha sobrinha. Mas nem pensar dar-lhe esse prazer.

Depois de termos deixado o Sr. Serrano no seu quarto, estava eu a caminho para marcar o ponto de saída quando o Troy me parou no corredor.

— Ei, Aspyn...

Virei-me para ele.

— Sim?

— Obrigado por hoje, por me teres ajudado a procurá-lo. A situação assustou-me. Ter-te lá tornou tudo mais fácil.

— Pois, bem, ele não se teria afastado se não estivéssemos a discutir.

— É estranho como tudo isto aconteceu, não é?

— A que é que te estás a referir, em específico?

— Eu e tu termos de passar tempo juntos. Quem diria? Tiveste muito azar.

— Tenho de concordar.

O Troy soltou uma risadinha.

— O mundo é pequeno.

Demorei uns segundos a perceber. «O Mundo É Pequeno.» *A canção da Disney.* Revirei os olhos.

— Para com as piadas da Disney.

— Para de usar roupa da Disney, e eu paro com as piadas da Disney. — Ele piscou o olho antes de se ir embora.

O ar fresco que me atingiu enquanto ia para o parque de estacionamento ajudou a clarear um pouco a minha mente e o meu humor, mas os acontecimentos do dia repetiram-se na minha cabeça durante toda a viagem de regresso a casa. Não conseguia parar de pensar em como o Troy ainda mexia comigo depois de todos estes anos.

Já que ia passar na casa dos meus pais, a caminho da minha, pensei em dar à minha mãe as flores que o Sr. Serrano tinha comprado.

Estacionei em frente à casa dos meus pais e estiquei-me para o lado do passageiro para agarrar na mala da Vera Bradley, onde guardava o meu dinheiro e o telemóvel. Apalpei o assento. *Onde é que está?*

Não me lembrava de a ter levado de volta para o Horizons comigo. O meu coração caiu.

Deixei-a no carro do Troy Serrano.

2

Troy

A caminho de casa, vindo do *nonno*, parei na loja de materiais de construção para comprar uma sapateira para o armário do meu quarto.

Quando abri a porta de trás do *Range Rover* para colocar a caixa no banco, reparei numa coisa: uma mala de tecido com padrões de flores e uma alça fina. Estava no lado do banco onde a Aspyn se tinha sentado. Peguei nela.

Merda. Estava prestes a mandar-lhe uma mensagem quando me apercebi de que o telemóvel dela estava enfiado no bolso da frente. *Raios.*

Abri a mala e procurei a carta de condução no interior. Na foto, tinha a mesma cara de frete com que me tinha brindado a maior parte do dia. A morada que lá estava não era assim tão longe de onde eu vivia, e mesmo que fosse, eu tinha de lhe entregar a mala ainda hoje. Voltando para o banco do condutor, meti a morada no GPS e arranquei estrada fora.

No caminho, pensei no dia de hoje. A Aspyn pareceu acalmar um pouco no final, mas, no geral, esteve mesmo com os nervos em franja comigo. Será que eu era assim tão parvo no liceu? No fundo, sabia que sim.

Sempre a tinha achado esquisita. Naquela época, ela andava sempre atrás de mim e da Jasmine, mas sem dizer grande coisa. Eu até gostava dela — até ela enlouquecer completamente. Depois disso, deu-me todas as razões para não gostar dela. Pensei que já

há muito que tinha superado tudo o que se tinha passado naquela altura, mas era óbvio que *ela* não. Respeitava-a por ter defendido a amiga, mesmo que me tivesse lixado para o fazer. Mas na altura eu levei as ações dela como um ataque pessoal.

Tenho de admitir, a Aspyn estava definitivamente mais gira do que me lembrava. Tinha amadurecido muito na última década. O seu cabelo comprido cor de areia era bonito, liso e com volume, caindo praticamente até ao rabo. O rabo dela também parecia bem bom naquelas calças do Pateta. Assentavam-lhe como uma luva. Ela era alta, curvilínea e abanava em todos os sítios certos. Os uniformes não mentem. Não, eu definitivamente não expulsaria a Aspyn Dumont do quarto, embora ela provavelmente me cortasse a pila a meio da noite.

Quando parei em frente à casa, voltei a verificar se o número na caixa de correio correspondia ao do meu GPS. Peguei na mala do banco do passageiro e dirigi-me à porta. Depois de bater, esperei.

Trinta segundos depois, bati à porta novamente. Não obtive resposta, mas através da janela vi-a a televisão ligada. Parecia estar a dar um programa infantil. Eu sabia que ela gostava da Disney, mas, caramba.

Bati à porta uma terceira vez e chamei:

— Ei! Aspyn, estás em casa?

— Vai-te embora! — Disse uma voz de criança atrás da porta. Parecia a voz de uma menina.

— Hum... — Pisquei os olhos. — Com quem é que estou a falar?

— Estás maluco? — disse ela. — Não te vou dizer o meu nome!

— Porquê?

— Os estranhos são perigosos!

— Juro que não sou uma pessoa perigosa. Chamo-me Troy. Só preciso de dar a mala e o telemóvel à Aspyn. Ela deixou-os no meu carro hoje. — Como a criança não respondeu, continuei: — Que tal isto... Se abrires a porta uma fresta, eu posso enfiá-los aí para dentro. Nem sequer tens de me ver.

— Abrir a porta só para me poderes dar um tiro? Como é que eu sei que não tens uma pistola?

— Tecnicamente, eu podia dar-te um tiro através da porta, se tivesse uma pistola. Mas eu *não* tenho uma pistola, e prometo-te que sou totalmente de confiança.

Ouvi vozes abafadas e, de repente, a porta abriu-se. E ali estava a Aspyn, com o cabelo a pingar, com ar de quem tinha acabado de sair do banho. Parecia ofegante.

Antes que pudesse dizer sequer uma palavra, olhei para baixo e vi uma miúda minúscula a apontar-me uma pistola de água gigante. Pus as mãos no ar, mas não antes de ela começar a disparar. Um dilúvio de água veio na minha direção. Por causa da sua altura, a linha de tiro estava apontada diretamente para as minhas partes baixas.

Merda!

Jatos de água continuaram a bombardear-me.

— Kiki, para! — gritou finalmente a Aspyn.

Já não era sem tempo.

— Que raio foi isto?! — exclamei, a olhar para as minhas calças encharcadas.

O peito da miúda arfava enquanto ela afastava a arma.

— Não devias ter aberto a porta! — disse ela à Aspyn.

— Ele não é um estranho. Eu conheço-o. — A Aspyn virou-se para mim, com um ligeiro ar de diversão. — Lamento imenso.

Ergui a sobancelha.

— A sério?

— Kiki, vai para o teu quarto e, por favor, arruma isso — ordenou ela.

A miúda fuzilou-me com o olhar antes de se afastar, contrariada.

Estendi-lhe a mala, que, sei lá como, se tinha mantido quase seca.

— Deixaste a tua mala e o telemóvel no meu carro.

Os olhos dela caíram por momentos na gigantesca mancha de água nas minhas virilhas antes de voltar a olhar para mim.

— Eu sei. Tentei entrar em contacto com o teu avô para lhe pedir o teu número, mas disseram-me que ele estava a dormir. E, por algum motivo, o pessoal do escritório não conseguiu encontrar

o teu contacto. A Nancy já se tinha ido embora e não conseguiam contactá-la. Ia procurar-te no Facebook para tentar enviar-te uma mensagem assim que saísse do banho. Chegaste primeiro. Obrigada por a teres trazido. Desculpa pelo ataque.

— Estou surpreendido por lhe teres dito para parar de disparar.

— Pois, bem, foste simpático em vires até aqui com a minha mala, por isso...

Olhei para lá dos ombros dela.

— Ela é... tua filha?

A Aspyn hesitou.

— É minha sobrinha.

— Ah! Então não tens filhos...

— Não.

— Estás a tomar conta dela?

Olhou para os pés.

— Não exatamente.

— Ela vive contigo?

A Aspyn olhou para mim.

— A minha irmã... morreu. Por isso, a minha sobrinha divide o tempo entre a minha casa e a casa dos meus pais.

Merda. Engoli em seco.

— Lamento imenso. Não sabia.

— Não precisas de ter pena de mim. Consigo ver essa expressão nos teus olhos novamente — gozou ela. — Coitadinha da Aspyn, presa em Meadowbrook.

O meu coração afundou-se, arrependido da merda que tinha dito antes.

— Não era em nada disso que eu estava a pensar. Nem por sombras.

A tristeza espelhada no seu olhar atingiu-me em cheio. Quis abraçá-la, o que era estranho, tendo em conta que sabia o quanto ela não gostava de mim.

A Aspyn suspirou, com gotas de água a escorrerem-lhe pela t-shirt.

— Enfim... obrigada por a teres trazido. Agradeço imenso.

— Pois. — Meti as mãos nos bolsos. — Não tens de quê.

Demorei-me uns segundos até ela agarrar na maçaneta da porta. Tomei isso como um sinal para sair dali. Acenei com a cabeça, saí pela porta, e ela não perdeu tempo a fechá-la.

Queria ver-se livre de mim o mais depressa possível.

• • •

Como tive de ir entregar a mala, atrasei-me dez minutos para o jantar com o meu amigo Eric num bar e restaurante local. O Eric tinha andado connosco no liceu, e esta era a terceira vez que saía com ele desde que tinha regressado a Meadowbrook.

Quando cheguei ao Boone's Pub, onde o ar cheirava sempre a uma mistura de carne queimada e álcool, ele já se tinha sentado a uma mesa com bancos fixos.

O Eric olhou logo para a mancha que eu tinha nas calças.

— Que raio, meu? Mijaste-te?

— Não. — Sentei-me em frente a ele. — Levei um tiro de uma Super Soaker. Não tive tempo de ir a casa trocar de roupa.

— Que caralho...?

— Pois... uma miúda... é uma longa história. Explico-te mais tarde. — Peguei no menu. — Vamos pedir. Estou cheio de fome.

Depois de termos feito o pedido, coloquei-lhe a questão que me pesara durante todo o caminho.

— Já alguma vez te aconteceu olhares para alguém ou alguma coisa do passado e isso recordar-te de todas as merdas que tentaste esquecer? Perceber que todos os sentimentos que achavas que já não existiam, na verdade, nunca desapareceram?

O Eric assentiu com a cabeça.

— É assim que me sinto quando olho para a vodka *Stoli*. Lembro-me da altura em que vomitei por cima da Christy Hemingway no 10.º ano.

A Aspyn era como o meu próprio vómito.

— Lembras-te da Aspyn Dumont do liceu?

Ele partiu um pedaço de pão.

— Sim, claro.

— Ela trabalha naquele sítio onde está o meu avô.

— A sério? Ela não era psicopata? — perguntou ele, enquanto se esticava para pegar na manteiga.

O facto de ele ter usado a palavra *psicopata* chocou-me um pouco, principalmente porque sabia que ele tinha ficado com aquela ideia sobre ela por *minha* culpa. Era isso que eu costumava chamar-lhe depois dos incidentes no liceu. Mas mesmo que tivesse achado que ela era um pouco *psicopata* naquela altura, devia ter escolhido as palavras que dizia em voz alta com mais cuidado. Agora sentia-me uma merda.

— Ela teve os seus momentos, sim. Nós odiávamo-nos, basicamente, e falávamos mal um do outro. Mas grande parte foi culpa minha.

Enquanto continuávamos à espera da nossa comida, pus o Eric a par da situação com a Aspyn e expliquei-lhe o porquê de ela ter sido encarregada de fazer de acompanhante nos nossos passeios. Também o relembrei da razão por trás de algumas das porcarias que ela me fez no liceu.

Bebi um gole da minha cerveja e olhei para a garrafa.

— Enfim, nem sei porque é que estou a falar dela...

— Como é que ela é agora? — perguntou o Eric.

A empregada de mesa trouxe a nossa comida, e isso deu-me um minuto para responder. Pensei na aparência física da Aspyn. No cabelo cor de areia comprido, quase até ao rabo tonificado. Sem uma ponta de maquilhagem, tinha uma pele suave e impecável. Era naturalmente bonita e, de alguma forma, ainda mais quando ficava zangada comigo.

Fiquei surpreendido com o facto de me ter sentido atraído por ela, alguém por quem eu só sentia desprezo. Aquilo era uma contradição que nunca tinha experienciado. Talvez o ódio dela a tornasse perversamente mais atraente?

Tentei desvalorizar.

— Não é um arraso nem nada que se pareça, mas é... bonita. Tem um bom rabo e boas mamas. Embora fosse difícil ver para lá do ódio no olhar dela.

— Bem, parece que vais ter outras oportunidades para a fazeres mudar de ideias em relação a ti, se vais ter de levar com ela duas vezes por semana.

— Não sei se me devia dar ao trabalho de tentar fazê-la mudar de ideias. Ela parece mesmo presa ao passado.

O Eric mastigou uma batata-doce frita.

— Já agora, durante quanto tempo é que vais ficar em Meadowbrook?

— Enquanto o meu pai estiver fora. Provavelmente mais uns meses, no máximo. Ele não comprou bilhete de regresso porque estão a improvisar a viagem toda.

— O que é que ele está a fazer, exatamente?

— A percorrer a Europa com a namorada.

— Caramba! Que rica vida.

— Sim, bem, ele merece. — Abri a embalagem do ketchup e deitei um pouco no prato. — Estou a ficar lá em casa para ter a certeza de que está tudo em ordem enquanto ele está fora.

O meu pai esfalfou-se a criar-me como pai solteiro. Nunca tirámos férias e ele raramente fazia alguma coisa por si mesmo. Há uns anos, conheceu uma mulher com quem se deu mesmo bem. Foi a primeira relação a sério que me lembro de ele ter. Fez 50 anos este ano e ficou elegível para se reformar mais cedo dos bombeiros. Por isso, foi o que fez. Ele e a Sheryl decidiram viajar pela Europa. Ele esteve quase a desistir por se sentir culpado por deixar o meu avô. Não tínhamos mais família por perto, mas eu garanti-lhe que trataria de tudo. Era o mínimo que podia fazer por um homem que tinha dedicado a vida inteira a criar-me. E eu não fui fácil. Apesar dos esforços do meu pai, portava-me muito mal em miúdo. Embora as minhas notas fossem boas e me destacasse nos desportos, dei-lhe que fazer; andava sempre a meter-me em lutas e a arranjar problemas. Devia-lhe muito.

Naquela noite, depois de ter voltado para casa do jantar com o Eric, pus os pés no sofá e decidi pesquisar *Aspyn Dumont*. A primeira coisa que apareceu na minha pesquisa no Google foi o obituario da irmã dela, de há oito anos. Embora não listasse a causa da

morte, dizia que tinha deixado uma filha de seis meses. Aquilo fez-me doer o peito. A Ashlyn Dumont tinha apenas 24 anos quando morreu. *Ashlyn e Aspyn*. Deviam ser próximas. Eu era filho único, mas não conseguia imaginar perder um irmão. Senti um aperto no peito. Voltou o sentimento de culpa por ter gozado com a Aspyn por ficar em Meadowbrook, agora que sabia que ela tinha estado a ajudar a tomar conta da sobrinha. Não era uma vida fácil.

Não podia mudar a maneira como a tinha tratado no liceu, nem as coisas nojentas que tinha dito sobre ela nas suas costas. Mas *podia*, pelo menos, tentar mostrar-lhe que tinha mudado. A grande questão era: *teria* eu mudado? Ou ainda era o mesmo parvo egoísta?

Aquela pergunta fez-me parar para pensar e, honestamente, não sabia a resposta. Tudo o que sabia era que estar de volta a Meadowbrook com toda a certeza me tinha feito voltar a *sentir* o mau da fita. Queria ser uma pessoa melhor e, de alguma forma, queria mostrar-lhe que o era. Mas porquê?

A Aspyn parecia ser a personificação de todos os meus erros do passado, por isso, conseguir que ela gostasse de mim talvez me absolvesse dos meus pecados.

• • •

Na quinta-feira à tarde, quando chegou a altura do meu segundo passeio da semana com o *nonno*, a Aspyn pareceu tão feliz como sempre ao ver-me quando nos encontrou no quarto dele. *Só que não*.

— Isso na tua farda são donuts? — perguntei.

— Estou a usá-los em tua honra. — Ela esboçou um sorriso sincero.

Pois claro. O primeiro sorriso sincero que recebo dela está relacionado com a sua tentativa de me envenenar.

— Compraste-a só para mim?

— Acredites ou não, já a tinha.

— E não é que acredito mesmo?!

— As minhas fardas são motivo de conversa por aqui.

EU TINHA UMA LISTA INFINDÁVEL DE MOTIVOS PARA NÃO O QUERER POR PERTO...

Quando a minha supervisora me encarregou de uma tarefa que envolvia conviver com o neto de um dos nossos residentes do lar, eu não estava à espera de que se tratasse do Troy Serrano, um homem que já não via há dez anos, desde que lhe tinha riscado o carro para vingar a minha melhor amiga.

A verdade é que ele também não guardava as melhores recordações dos nossos tempos do secundário, por isso, o que me esperava eram quatro horas semanais de provocações mútuas. E foi o que aconteceu logo na primeira visita. Incapazes de deixarmos o passado para trás, a nossa tentativa de convivência revelou-se bastante complicada.

No entanto, à medida que fomos passando mais tempo juntos, a implicação que sentíamos um pelo outro começou a dar lugar a algo mais – com a preciosa ajuda do avô dele, é claro! Afinal, o Troy que eu tinha conhecido na escola era agora um homem diferente e talvez merecesse uma segunda oportunidade.


Mas seríamos nós capazes de ignorar as mágoas do passado e seguir em frente?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 topseller_editora

 penguinlivros

ISBN: 978-989-589-654-7



9 789895 696547